

Possibilidades tecnoutópicas: processos de memória na era da conectividade em rede¹²

Alessandra Campos TÓTOLI³

Daniela Fávaro GARROSSINI⁴

Universidade de Brasília, Brasília, DF

Resumo

O presente trabalho é uma investigação teórica e reflexiva acerca da potencial passagem para a era da conectividade em rede, segundo definida por Vilém Flusser, e sua relação com os processos de memória do coletivo facilitados pelos novos meios técnicos numa orientação para a emancipação coletiva. Para tanto, é adotada uma visão sistêmica sobre os processos comunicativos e de memória no qual nos propomos a responder algumas perguntas que guiam a pesquisa, dividida em quatro partes: a introdução, que contextualiza e apresenta o trabalho, “Do enfeixamento para a conectividade em rede” trata da parte de estruturas comunicativas, “A memória do presente e do tempo que ainda vem” discute processos de memória contemporâneos, e por fim “Tecnoutopias do possível” levanta algumas possibilidades desse caminho utópico rumo a emancipação.

Palavras-Chave: memória; cibercultura; conectividade em rede; comunidades; comunicação.

Introdução

Ainda nos anos 60, algumas décadas antes do advento das comunicações digitais em rede, o visionário filósofo canadense Marshall McLuhan criou o conceito Aldeia Global, se referindo a um futuro onde a rede elétrica permitiria uma ligação planetária numa teia de relações semelhantes às de uma grande aldeia, a qual, interconectada numa complexa figura, seria a extensão do próprio sistema nervoso central humano. (McLuhan, 2007, pp 388-400)

1 Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Trabalho submetido para avaliação do e-book "Fluxos comunicacionais em redes sociotécnicas: repercussões das micro-narrativas ao big data", livro a ser lançado durante o 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

3 Mestranda do Curso de Artes Visuais do PPGAV-UnB, e-mail: alessandratotoli@gmail.com

4 Professora Adjunta da Universidade de Brasília, Instituto de Artes, Departamento de Design, Pós-doutora pelo Centro de Estudos Superiores de Comunicación para América Latina (CIESPAL) e-mail: daniela.garrossini@gmail.com

Na atualidade complexa, embora o planeta esteja, como imaginado por McLuhan, conectado por redes virtuais, há uma dificuldade sem precedentes de encontrar tal unidade semelhante a de um grande sistema nervoso único, aldeia ou comunidade, e sim indícios da ocorrência de múltiplas comunidades sobrepostas que emergem e se dissipam em variadas configurações de espaço-tempo. Ora, se tal conexão em rede cria virtualmente - e visualmente - a imagem de um grande cérebro, arriscaria, então, diagnosticar a nível global, a ocorrência de sintomas patológicos de dissonância cognitiva.

Qual seria, no arcabouço de possibilidades do campo da comunicação, uma prescrição adequada para tal patologia? Como qualquer doença grave em estágio avançado, faz-se necessário combater os sintomas e a causa em si, caso se deseje restabelecer o equilíbrio saudável do organismo como um todo.

Certo que parece, e é, um problema complexo, e justamente por esse caráter de complexidade, somente passível de ser resolvido pela formulação de perguntas corretas e adoção de uma visão sistêmica.

“Mas a verdade é que, em filosofia e também alhures, trata-se bem mais de encontrar o problema e, por conseguinte, de formulá-lo, que de resolvê-lo. Pois um problema especulativo está resolvido a partir do momento que está bem formulado. Quero dizer com isso que a solução existe imediatamente, embora possa permanecer escondida, e por assim dizer, coberta: resta apenas descobri-la. Formular o problema, porém, não é simplesmente descobrir, é inventar.”
(BERGSON, 2011, p.20)

Sob essa perspectiva, o presente trabalho se propõe a orientar um tipo de visão sobre os sistemas da comunicação capaz de olhar para possibilidades de usos das tecnologias que sejam - ao mesmo tempo que o oposto de unificadores ou totalizantes - potencializadoras e estimulantes de construções coletivas emancipatórias e orientadas para o bem comum, capazes de sanar um sistema adoecido em sua estrutura e processos.

Esse estudo está dividido em três partes: na primeira apresentamos a substituição da sociedade comunicação em massa pela potencialidade da sociedade conectada em rede, na segunda parte discutimos a configuração contemporânea do conceito de memória do coletivo e de que forma o processamento dessas informações tem a capacidade de orientar a retomada das noções comunitárias e, por fim, na terceira parte,

fechamos o texto, formulando uma junção das duas primeiras partes, as estruturas de conectividade e o processamento memorial, no sentido de encontrar caminhos para a construção de comunidades emancipatórias e livres.

Do enfeixamento para a conectividade em rede

Se o surgimento dos meios de comunicação de massa criou uma nova fase na era das comunicações humanas, podemos dizer, no momento presente, que essa fase aprofundou o abismo quantitativo e qualitativo e entre emissores e receptores de informação.

“A emissora envia sua mensagem em feixes para as salas, dentro das casas, e quem por acaso estiver flutuando no espaço vazio e apanhar a mensagem se tornará um receptor dessa conexão fascista - no verdadeiro sentido da palavra. Pois *fascies* significa feixe. Descreverei essa estrutura do feixe, erigida sobre o livro impresso e a máquina de escrever, como diagnóstico de um importante aspecto de nosso tempo: a tendência de enfeixar toda a cultura e nos conduzir a um totalitarismo uniformizado (*gleichgeschalteter Autoritarismus*) sem igual.” (FLUSSER, 2015, p.42)

Graças aos *fascies* da comunicação de massa, os círculos de convivência familiares se transformaram em anfiteatros de recepção de mensagens unificantes, diminuindo gradativamente a importância do diálogo e das diferenças e promovendo, conseqüentemente o crescimento do poder de penetração do discurso totalizante no contexto em que poucos emissores acumularam o alcance massivo da maioria dos ouvintes, sobretudo pela escassez e altos custos das tecnologias de transmissão.

O advento da internet e da era digital, trouxeram consigo, os caminhos para a entrada de novos atores no jogo e o vislumbre de uma possibilidade: a de cada indivíduo se transformar, não apenas em receptor, mas também emissor de mensagens. No entanto, a mera possibilidade propiciada pelo desenvolvimento tecnológico não é suficiente para garantir que cada emissor se torne, ele também, produtor de informação.

Embora exista, hoje, uma quantidade significativamente maior de produtores de informação que há poucos anos atrás, ainda há uma enorme concentração devido, principalmente, a dois fatores: o poder econômico de alguns emissores que possuem as melhores tecnologias e capacidade de contratação de trabalho, e o próprio domínio das técnicas comunicacionais, disciplinas complexas que compreendem o conhecimento

teórico e aplicado de linguagens distintas, amplamente estudadas em universidades e cursos técnicos diversos.

Então, quando poderemos dizer que houve a superação da sociedade enfeixada - fascista - renovada por uma sociedade - conectada - em rede? Somente no momento em que não houver mais clareza na distinção entre emissor e receptor. (FLUSSER, 2015, p.71)

Aqui cabe um cuidado: não podemos tratar como um processo linear, aquele que gradativamente transformaria receptores em emissores, até o ponto em que se atingisse a conectividade em rede total. É na medida em que avança no processo, que ele se torna também mais complexo. O domínio das redes hoje tem um caráter ambíguo, pois embora ela propicie essa troca de informações multidirecional e ilimitada, devemos considerar que essa troca de informações não se dá num espaço propriamente público, mas sim num contexto privado, pois algumas poucas empresas são, de fato, donas das principais plataformas onde tais trocas ocorrem de forma massiva, potencialmente podendo colocar tudo a perder caso deixem de existir. Segundo Flusser “Existem dois espaços que não cabem mais na divisão de privado, público e sagrado: o espaço cósmico e o espaço virtual” (FLUSSER, 2015, p.98)

Está dado um cenário geral bem complexo: informações públicas e privadas são disponibilizadas massivamente por um número crescente de devir-emissores que concordam, inconscientemente ou conscientemente em deixar todas essas informações nas mãos de empresas privadas, que por atuarem num contexto que ultrapassa fronteiras e territórios de estado não respondem a legislações específicas, e mesmo que respondessem, seria difícil dizer ao regime de qual país responderiam, e mesmo que fossem passíveis de localização, nos restaria esperar que os processos legislativos e jurídicos dos mais diversos territórios pudessem acompanhar em velocidade a evolução do próprio desenvolvimento tecnológico.

Temos ainda, outra grande questão em jogo: a contemporânea questão dos *Big Data* - bancos imensuráveis de informações coletadas de todos os lugares da internet, que por meio de avançados algoritmos e complicadas técnicas estatísticas computadorizadas fazem os mais diversos tipos de análises de dados e interpretações utilizados para variados fins, que vão desde a venda de algum produto rentável até a manipulação de resultados de eleições presidenciais de países continentais.

Parece um cenário catastrófico, porém essa é apenas mais uma faceta do cenário complexo que envolve a atuação de instituições de ensino e pesquisa, comitês éticos internacionais, ONGs de diversos países, organizações da sociedade civil e vários outros atores comprometidos com a manutenção de um espaço virtual organizável e ético.

Nesse momento é urgente a emergência de iniciativas coletivas no sentido de unir esforços para compreender e atuar de maneira transdisciplinar no processo, a fim de viabilizar alternativas técnicas e regulatórias a esse esquema geral, garantindo, não apenas o acesso, mas também a segurança das informações. É preciso uma atuação dupla: garantir a transparência dos processos que envolvem o bem comum e a segurança para os dados privados individuais.

A memória do presente e do tempo que ainda vem

Estamos a deriva na superfície de um oceano de informações disponíveis ao toque de um polegar ou até de um mero comando de voz. Na imensidão desse oceano informacional, submergem referências, histórias e arcabouços, isso é, memórias, organizadas nas mais diversas configurações de linguagens.

Se durante muito tempo a vida das pessoas foi guiada pela fé, hoje, nesse universo de fragmentos informacionais é difícil dizer se resta algum fio condutor. “Pessoas modernas - se é que elas ainda existem - são pessoas que, em vez de crer, duvidam. Nós, ao contrário, estamos em estado de desespero, e isso não é a mesma coisa.” (FLUSSER, 2015, p.98). Nesse contexto de confusão, tratar sobre tema da memória é fundamental para reconstruir vínculos, identidades e redes de afeto, fundamentais para o fortalecimento das comunidades emancipadas.

Para explorar melhor como se organiza essa memória do coletivo na contemporaneidade, tomemos o raciocínio proposto por Flusser, de que o avanço tecnológico nos provoca novas maneiras de pensar: “O computador é apenas uma simulação caricata e idiota do sistema nervoso central, mas eu posso, graças a ele, ter um novo insight sobre o meu sistema” (FLUSSER, 2015, p.98). Vamos nos aprofundar nesse exemplo. O computador é composto de dois tipos básicos de memória, O HD - memória dura - que compõe a totalidade de todos os arquivos armazenados naquele dispositivo e a memória RAM - memória de acesso aleatório - que é composta das memórias relacionais ativadas pelo uso do dispositivo naquele momento presente.

No exemplo acima, Flusser, compara o sistema nervoso central ao computador. Vamos, agora, trazer a figura imaginada por McLuhan na qual o próprio planeta, ou aldeia global, é comparado ao cérebro humano. Podemos assim imaginar um computador como analogia para todo o planeta interconectado em redes. Nessa imagem, chegamos ao que Brea define como “cultura RAM”, a ideia trazida pelo autor é de que na contemporaneidade, a energia simbólica movimentada pela cultura já não tem tanto a característica de recuperação de informações guardadas, mas sim do seu aspecto produtivo ou relacional. (BREA, 2009, n.p.)

Interessante notar que chegamos a um ponto de complexidade, onde *insights* oferecidos pela observação de maquinários criados pelos humanos vai provocando e evidenciando, em sua evolução, complexidades da própria organização social humana: “Fazemos instrumentos para simular quaisquer aspectos de nossa existência, e então os instrumentos contra-atacam, e nós simulamos o instrumento e nos conhecemos melhor” (FLUSSER, 2015, p.98).

Agora, nos resta refletir e projetar o que fazer desse entendimento. Sabemos que as memórias, contém em si os elementos informacionais, que ao serem relacionados formam a cultura de uma determinada comunidade ou população. Assim, a criação de uma relação intencional entre memórias em determinado contexto possui uma força enorme capaz de criar ou destruir afetos, comunidades, países, e até mesmo de gerar conflitos e guerras. Trata-se, portanto, de questão bastante sensível.

“A memória justa consiste em encontrar um equilíbrio entre a memória do passado, a memória da ação e a memória de espera. Trata-se de evitar ao mesmo tempo a repetição, que faria do passado uma prisão, a imersão em um tempo real reduzido ao artifício e ao simulacro, e a fuga perdida em direção ao futuro que teria como resultado, como observou Pascal ‘que nunca vivemos, mas que esperamos viver’ (CANDAUI, 2011, p.202)

Talvez a pergunta correta, nesse contexto, seja, de que forma as configurações de estruturas e aplicações das pesquisas na área da comunicação social podem contribuir para o fortalecimento de uma relação de memórias equilibradas em sua relação com o tempo, para que as sociedades não sejam prisioneiras do passado, simulacro do real e nem fantasmas do futuro paralisantes da ação presente.

Retomemos uma característica importante das sociedades pós-industriais - o domínio do biopoder - isso é, o domínio das instituições de controle sobre os corpos -

ou a vida propriamente dita - dos seres humanos. (FOUCAULT, 1988). O corpo ideal das fábricas é o corpo dócil, é o corpo que obedece. Ora, o humano útil não pode apenas viver para viver, precisa viver para trabalhar, precisa ter esse processo padronizado no seu modo de ser.

“A modernidade (incluindo a pós-modernidade ou a sobremodernidade) seria, a partir de então, indiferente aos profetas, marcada pela negação do sagrado, pelo desencantamento do mundo, pelo desprezo ao religioso-elo ocaso dos deuses e a retomada das observâncias.” (CANDAUI, 2011, p.185)

E assim, tem sido os últimos séculos, porém o contexto vai se complexificando continuamente. Se, durante muito tempo, as memórias de outras formas de viver ficaram escondidas da humanidade, acessíveis somente a religiosos e ricos, hoje já não é mais assim. Vários segredos antigos estão disponíveis a um clique do *mouse* ou toque numa tela *touch*. Trata-se agora de permitir que o coletivo aproprie tais conhecimento privados de seus antecessores pelo bem comum. Devemos observar, que agora, a mudança que nos grita, surge da forma do afeto, e não meramente de estratégias políticas. Se trata de resgatar memórias de comunidade, sentimentos genuínos de identidade e reconhecimento, restauro de relações quebras pela natureza destruidora do individualismo capitalista.

“A ecologia social deverá trabalhar na reconstrução das relações humanas em todos os níveis, do *socius*. Ela jamais deverá perder de vista que o poder capitalista se deslocou, se desterritorializou, ao mesmo tempo em extensão - ampliando seu domínio sobre o conjunto da vida social, econômica e cultural do planeta - e em “intenção” - infiltrando-se no seio dos mais inconscientes estratos subjetivos. Assim sendo, não é possível pretender se opor a ele apenas de fora, através de práticas sindicais e políticas tradicionais. Tornou-se igualmente imperativo encarar seus efeitos no domínio da ecologia mental, no seio da vida cotidiana individual, doméstica, conjugal, de vizinhança, de criação e de ética pessoal. Longe de buscar um consenso cretinização e infantilizarem, a questão será, no futuro, a de cultivar o dissenso e a produção singular de existência” (GUATTARI, 2001, p.)

Trata-se, portanto, de articular o processamento de memória cultural de tal forma que as relações se tornem prioritárias, e não mais a necessidade de transmissão de um discurso adestrador totalitário. Para tal fim, deve-se agir em múltiplas frentes, garantindo o acesso universal aos meios comunicativos desde a estrutura até as aplicações. Nesse sentido, é imperativo fomentar e apoiar iniciativas de *software* e

hardware livres assim como todas as políticas e iniciativas autônomas que se proponham a popularizar as diversas formas de linguagem e programação digital. Também se faz necessário unir esforços por todos os tipos de iniciativas de resgates de saberes tradicionais, seja por catalogações, documentações, filmagens, registro em áudio, publicações das mais diversas, promoção de espaços de compartilhamento via oral, estruturação de espaços e escolas propícios a partilha de saberes, tais como: escolas rurais, escolas indígenas, escolas ribeirinhas e assim por diante, em processos que empoderem os próprios membros de cada comunidade a fazer o processamento adequado de suas memórias.

Tecnoutopias do possível.

Em sua obra “Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea”, o pesquisador André Lemos aponta a presença de uma ambiguidade ancestral no fenômeno técnico, sobre o qual há uma oposição teórica entre autores com visões negativas - Virilio, Baudrillard, Shapiro, Postman - ou utópicas - Negroponte, Lévy, De Rosnay, Rheingold - sobre o potencial das tecnologias de conectividade e seus potenciais emancipatórios. (LEMOS, 2015, p.255)

Considerando que a tecnologia, desde as suas mais rudimentares formas, é algo inerente ao desenvolvimento das culturas humanas, não se trata aqui, de vislumbrar sua positividade ou negatividade. A tecnologia é um fato que não carrega, em si, juízo de valor. “Todavia, a imbecilização generalizada pode gerar baixos níveis impensáveis. A técnica é neutra mas exarcebante” (FLUSSER, 2015, p.73) - portanto, é dever daqueles indivíduos e coletivos que pesquisam, criam e aplicam, orientar de forma ética seus usos e destinações.

É imperativa a adoção de uma visão tecnoutópica que possa, a partir de seu entendimento crítico, facilitar a emergência de novas economias colaborativas e comunitaristas orientadas por lógicas de abundância - segundo as quais é possível, com o envolvimento coletivo, construir uma realidade onde haja acesso há bens comuns por todos - em oposição a lógica da escassez - segundo a qual apenas uma parcela elitizada da população tem acesso a bens de consumo produzidos a partir da exploração da mão de obra de classes inferiores. (BREA, 2009, n.p.)

“A questão será literalmente reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo. E não somente pelas intervenções “comunicacionais” mas também por mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade. Nesse domínio, não nos ateríamos às recomendações gerais mas faríamos funcionar práticas efetivas de experimentação tanto nos níveis microssociais quanto em escalas institucionais maiores” (GUATTARI, 1990, p.16)

Trata-se portanto, de fixar, que tais iniciativas de incentivo a emancipação comunitária, deve, a fim de acontecer tão rápido quanto necessitamos contar com todos os tipos de movimentos, tanto da ordem micropolítica e microssocial, quanto das ordens das legislações para grande empresas e das políticas públicas. Lembrando que um problema complexo, precisa de uma solução também complexa, e de um esforço que empreenda redes de pesquisadores, artistas, produtores, gestores, ativistas, ambientalistas, e representantes de cada segmento social.

“Parece-me essencial que se organizem assim novas práticas micropolíticas e microssociais, novas solidariedades, uma nova suavidade juntamente com novas práticas estéticas e novas práticas analíticas das formações do inconsciente. Parece-me que essa é a única via possível para que as práticas sociais e políticas saiam dessa situação, quero dizer, para que elas trabalhem para a humanidade e não mais para um simples reequilíbrio permanente do Universo das semióticas capitalísticas” (GUATTARI, 1990, p.35)

Sobre as novas relações de trabalho, em tempos de automatizações e fim dos empregos braçais, Vilém Flusser classificou a relação do ser humano com as tecnologias materiais em três etapas: na primeira, livre no mundo, o ser humano interagia com ferramentas, depois da revolução industrial, o humano perde a liberdade e vai trabalhar dentro de fábricas, o terceiro momento - para o qual uma parte do mundo já transicionou – é o momento do homem-aparelho, no qual, com seu dispositivo em mãos, o humano ganha de volta a liberdade de trabalhar fora das fábricas. (FLUSSER, 2007, p.37-39)

“Em função disso, a fábrica do futuro deverá assemelhar-se mais a laboratórios científicos, academias de arte, bibliotecas e discotecas do que às fábricas atuais. E o homem-aparelho (Apparat-manschen) do futuro deverá ser pensado mais como um acadêmico do que como um operário, um trabalhador ou um engenheiro.” (FLUSSER, 2007, p.42)

Finalizamos com essa imagem criada por Flusser num possível futuro onde o trabalho seja mais humano e afetuoso, onde artistas, cientistas e acadêmicos trabalhem juntos com o verdadeiro objetivo comum de emancipar comunidades e de fortalecer redes inclusivas. Fica o vislumbre de um mundo onde o valor do trabalho não seja monetário nem quantificável matematicamente. Onde as estruturas de comunicação executem comandos para o bem comum.

A técnica é neutra, que as memórias sejam afetuosas, que as utopias sejam cada dia mais facetas da realidade se manifestando em pequenos projetos, trabalhos coletivos, manifestações artísticas e encontros casuais de trocas de saberes.

Referências bibliográficas

BREA, Jorge Luis, cultura RAM. **Mutaciones de la cultura em la era de su distribución eletrónica**. 2009. Publicação sob licença Creative Commons. Disponível em joseluisbrea.net/ediciones_cc/c_ram.pdf

BERGSON, Henri. **Memória e Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

FLUSSER, Villen. **O mundo codificado**. São Paulo, Cosac Naif, 2007

FLUSSER, Villen. **COMUNICOLOGIA: Reflexões sobre o futuro**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

FOUCAULT, M., 1985. **História da Sexualidade I - A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Editora Graal.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias** / Félix Guattari; tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papirus, 1990.

LE MOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 5.ed .Porto Alegre: Sulina, 2010.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. Tradução: Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix. 2007.